

## **RACISMO E MORALISMO: COMO VOCÊ SABE O QUE É CERTO?**

## **RACISM AND MORALISM: HOW DO YOU KNOW WHAT'S RIGHT?**

## **RACISMO Y MORALISMO: ¿CÓMO SABER LO QUE ES CORRECTO?**

Reinaldo Eduardo da Silva Sales<sup>1</sup>  
Tatiane Trindade Machado<sup>2</sup>  
Simone Silveira Amorim<sup>3</sup>

### **Resumo**

Este artigo é resultado da análise de imagem em mural de uma escola em Boston (EUA), onde se visualizam dois cartazes: um com uma frase e a imagem de Rosa Parks e, o outro, com uma frase de Madre Tereza de Calcutá, além de um título na parte superior. O objetivo foi entender a mensagem implícita nos cartazes e de que maneira podemos problematizá-la. Para a produção de sentido, foi usado o método de Análise Crítica da Imagem (Amorim & Kress, 2020), que consiste na análise de uma imagem por meio de sete etapas (primeiras impressões, descrição, análise, consciência crítica, fundamentação, conexões e expressões) que compreendem três operações mentais: conhecer, analisar e relacionar a imagem desde seus aspectos mais simples até os mais complexos. Foi possível estabelecer uma conexão das frases dos cartazes com a ética universal e a boniteza do mundo (Freire, 1996), descolonização e solidariedade (Gaztambide-Fernández, 2019), além do racismo estrutural, em Almeida (2019) e a moral, em Nietzsche (1998). Utilizamos, também, para refutar a forma de comunicação da imagem, Castells (1999). O conteúdo da imagem provoca reflexões e nos convoca a (re)pensar o racismo e as desigualdades sociais.

**Palavras-chave:** Imagens; Desigualdades Sociais; Madre Tereza; Rosa Parks.

### **Abstract**

This article is the result of an image analysis of two posters pasted to the wall of a school in Boston (USA), where they are displayed: one with a sentence and the image of Rosa Parks, and the other with a sentence by Mother Teresa of Calcutta, in addition of a title at the top. The objective was to understand the message implicit in the posters and how we can problematize it. For the production of meaning, the Critical Image Analysis method was used (Amorim & Kress, 2020), which consists of the analysis of an image through seven steps (first impressions, description, analysis, critical awareness, reasoning, connections and expressions) which comprise three mental operations: knowing, analyzing and relating the image from its simplest to the most complex aspects. It was possible to establish a connection of the

<sup>1</sup>Doutor em Educação. Professor do IFPA. Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-9547-8098>. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5504809611081936>. E-mail: [reinaldo.eduardo@ifpa.edu.br](mailto:reinaldo.eduardo@ifpa.edu.br).

<sup>2</sup>Doutoranda em Educação. Universidade Federal de Sergipe. Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-4044-774X>. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3306140930424094>. E-mail: [tatiane.machado@arapiraca.ufal.br](mailto:tatiane.machado@arapiraca.ufal.br).

<sup>3</sup>Doutora em Educação. Professora da Universidade Tiradentes. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-1305-6017>. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2022647177878306>. E-mail: [simone.silveira@souunit.com.br](mailto:simone.silveira@souunit.com.br).

phrases on the posters with universal ethics and the beauty of the world (Freire, 1996), decolonization and solidarity (Gaztambide-Fernández, 2019), in addition to anti-racist practice, in Almeida (2019) and morality, in Nietzsche (1998). We also use Castells (1999) to refute the way in which the image is communicated. The content of the image provokes reflections and calls us to (re)think racism and social inequalities.

**Keywords:** Images; Social differences; Madre Tereza; Rosa Parks.

### Resumen

Este artículo es el resultado del análisis de una imagen en un mural de una escuela en Boston (EE. UU.), donde se observan dos carteles: uno con una frase e imagen de Rosa Parks y otro con una frase de Madre Teresa de Calcuta, además de un título en la parte superior. El objetivo fue comprender el mensaje implícito en los carteles y la manera en que podemos problematizarlo. Para la producción de sentido, se utilizó el método de Análisis Crítico de la Imagen (Amorim & Kress, 2020), que consiste en el análisis de una imagen a través de siete etapas (primeras impresiones, descripción, análisis, conciencia crítica, fundamentación, conexiones y expresiones) que comprenden tres operaciones mentales: conocer, analizar y relacionar la imagen desde sus aspectos más simples hasta los más complejos. Se logró establecer una conexión de las frases de los carteles con la ética universal y la belleza del mundo (Freire, 1996), la descolonización y la solidaridad (Gaztambide-Fernández, 2019), así como el racismo estructural, según Almeida (2019), y la moral, según Nietzsche (1998). También utilizamos a Castells (1999) para refutar la forma de comunicación de la imagen. El contenido de la imagen provoca reflexiones y nos convoca a (re)pensar el racismo y las desigualdades sociales.

**Palabras clave:** Imágenes; Desigualdades Sociales; Madre Teresa; Rosa Parks.

### Primeiras Palavras

O racismo, notadamente, tem afetado as sociedades atuais. Ele existe e opera em diversos espaços, incluindo a escola. Negar sua existência não se faz suficiente, é preciso ir além e combatê-lo. Como já argumentava Angela Davis (2016), em uma sociedade racista, não basta não ser racista, é preciso ser antirracista.

Vivemos em uma sociedade de cultura imagética, assim, este artigo estabelece um nexo entre o combate ao racismo e às desigualdades sociais a partir da análise de cartazes apostos em uma escola nos Estados Unidos da América (EUA). O objetivo foi entender a mensagem implícita nos cartazes e de que maneira podemos problematizar o contexto e as implicações das temáticas colocadas a partir das frases, que relataremos mais adiante. De acordo com Vicente (2000, p. 147), “presentes na variedade de produtos culturais expressivos de determinada sociedade, as imagens possuem dois espaços determinantes para a sua percepção: o olhar de quem a produz, ou do autor, e o outro de quem a recebe”.

Neste sentido, Carrera (2020) nos alertou que muitas imagens que integram o discurso publicitário ajudam a compor o imaginário sociocultural, sendo que algumas

possuem conteúdo racista e/ou sexista, posicionando as pessoas negras, LGBTQIA+<sup>4</sup> e mulheres em lugares de discriminação. Fotografias, cartazes e ilustrações ajudam a construir representações distorcidas de determinadas pessoas, sendo boa parte dessas imagens consumida muito rapidamente em vários lugares, por diferentes grupos sociais, o que inclui o contexto escolar.

Diante disto, analisamos uma imagem em um mural de uma escola em Boston (EUA). A imagem apresenta dois cartazes formando um “mural”, em uma parede. Com uma pergunta acima dos cartazes manuscrita e colada na parede: “como você sabe o que é certo?”. Entendemos essa frase como emblemática, pois ela faz um chamado sobre o que é certo, ou a maneira “correta” de se comportar. Percebemos que a frase é de cunho moralista o que nos instiga a dar uma resposta à pergunta: como você sabe o que é certo? Além disso, os dois cartazes nos remetem a duas mulheres em locais e realidades diferentes, mas que têm seus comportamentos tidos como moralmente exemplares.

A partir das primeiras impressões, descrevemos e analisamos a imagem, conforme o método de Análise Crítica da Imagem proposta por Amorim e Kress (2020). Este método consiste na análise por meio de sete etapas que compreendem três operações mentais: conhecer, analisar e relacionar desde seus aspectos mais simples até os mais complexos, como veremos mais adiante.

Os resultados demonstraram que é possível abstrair das imagens muito mais elementos do que elas apresentam, em um primeiro olhar, e conectá-las a diferentes autores(as), épocas e contextos. No nosso caso, em particular, a imagem nos permitiu algumas reflexões, convocando-nos a (re)pensar o combate ao racismo e às desigualdades sociais.

## Método

Para a produção de sentido, foi utilizado o método de Análise Crítica da Imagem proposto por Amorim e Kress (2020), sintetizado no Quadro 1. Este método consiste em compreender criticamente uma imagem “não somente os aspectos que podem ser

---

<sup>4</sup> Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transgêneros, Queer, Intersexuais, Assexuais, dentre outros, como uma forma de incluir todas as pessoas que não se identificam como heterossexuais ou cisgêneros.

visualizados, como pessoas, lugares e textos, mas também as motivações que movem, direcionam e impactam a sociedade e seus indivíduos”, conforme já demonstraram Vieira e Amorim (2021, p. 5).

**Quadro 1** – Sistematizando a Percepção da Imagem pelo viés do Pensamento Crítico

Etapa	Ações	Síntese
1. Primeiras impressões	Visualizar Engajar Sensibilizar	Faz-se os registros das primeiras impressões sobre a imagem, sem a preocupação de expressar aspectos críticos/de análise. Usa-se palavras/expressões curtas;
2. Descrevendo	Perceber Identificar Descrever	Investiga-se a imagem analisando os detalhes, fazendo conexão com o texto, quando houver. Usa-se frases para expressar o que foi visualizado e percebido;
3. Analisar	Investigar Comparar Analisar	Analisa-se os elementos identificados para pensar como a sociedade (e seus indivíduos) opera a fim de fortalecer ou enfraquecer ideias/ideologias hegemônicas dando significado à imagem e/ou texto, trazendo à tona o que está nas entrelinhas;
4. Desenvolvendo a consciência crítica	Inferir Imaginar Problematizar	Identifica-se o que está sendo expresso por texto e/ou imagem a partir do significado político, social, econômico e cultural que se pretende veicular;
5. Fundamentando	Argumentar Teorizar	Traz-se teóricos, pesquisadores cujo argumento coaduna ou refuta elementos da imagem e/ou texto;
6. Conectando	Adicionar Conhecer Relacionar	Encoraja-se a pesquisa de informações extras relacionadas à fonte a fim de se obter esclarecimentos, opiniões ou percepções novas, semelhantes ou opostas;
7. Expressando	Expressar Colocar-se Verbalizar	Exercita-se a produção de sentido a partir da própria percepção, como base no que já foi sistematizado dos itens 1 a 6, interpretando os dados e expressando ideias, posicionando-se quanto ao que foi analisado, materializando o pensamento crítico através de palavras;

**Fonte:** Amorim e Kress (2020).

Ao propor a análise de uma imagem por meio de sete etapas, intenciona-se realizar três operações mentais: conhecer (primeiras impressões e descrições), analisar (análise e consciência crítica) e relacionar (a textos teóricos, conexões com outras situações para produzir novas informações e a produção de sentido a partir da própria percepção, posicionando-se criticamente).

A imagem selecionada apresenta dois cartazes formando um mural (figura 1) com um título e duas frases em língua inglesa, uma de Rosa Parks e outra de Madre

Tereza de Calcutá, colados em uma parede de uma escola em Boston nos EUA. O título traz uma reflexão sobre o racismo atravessado pelo feminismo e interseccionalidade.

**Figura 1:** Imagem do Mural na escola



**Fonte:** Banco de Dados dos Projetos (Amorim & Kress, 2020).

O que nos levou à escolha dessa imagem foi seu conteúdo histórico, político e cultural. Além disso, há uma necessidade urgente de se discutir racismo, feminismo e princípios éticos como bondade e amor em uma época em que se ampliam intolerância e ideologias supremacistas de extrema direita. Por sermos docentes, a indignação e o desejo de transformação, a partir da educação, conforme já demonstrou Freire (1996), levou-nos à reflexão sobre a boniteza do mundo, à superação do racismo e das desigualdades sociais.

### **Amor e Engajamento Político contra o Racismo e Desigualdades Sociais**

O método de Análise Crítica da Imagem nos oferece sete níveis de compreensão de uma dada imagem, que vão desde as primeiras impressões até a interpretação e produção de sentido crítico, conforme consta no quadro 2. Todavia, a imagem em estudo nos permitiu compreender como o amor e o engajamento político podem ser

essenciais para a mudança do cenário atual de intolerância e racismo que ainda estamos vivendo.

**Quadro 2 – Análise da Imagem do Mural da Escola**

Etapa	Análises
1. Primeiras impressões	A Imagem apresenta 2 cartazes formando um “mural”, colados em uma parede, com uma pergunta acima dos cartazes manuscrita, colada na parede.
2. Descrevendo	Os cartazes são em papel A4 com frases em inglês em uma escola dos EUA. As frases são de Rosa Parks e Madre Tereza de Calcutá. Este mural traz um título moral que envolve atitudes positivas sobre racismo atravessado pelo feminismo e interseccionalidade. A impressão que dá é que o “mural” é informal, uma vez que não possui as características e apetrechos de um mural tradicional; está em uma parede, aparentemente, próxima a uma janela, pode ser em um corredor onde há circulação de pessoas.
3. Analisar	A pergunta é: “Como você sabe o que é certo?” Os cartazes apresentam duas respostas, tratando o tema com abordagens diferentes. A resposta de Rosa Parks é que cada pessoa precisa ser um modelo para os outros. A resposta de Madre Tereza é que nem todos(as) podem fazer grandes coisas, mas podemos fazer pequenas coisas com muito amor.
4. Desenvolvendo a consciência crítica	Significado político e cultural das frases: Rosa Parks: A imagem remete ao caso do Ônibus em Montgomery e a frase convoca cada pessoa a agir. Madre Tereza: A frase indica que cada pessoa precisa fazer sua parte para combater a desigualdade social; quando você trata todos(as) com amor e faz o trabalho da caridade, mesmo que seja pequeno ou uma pequena parte, você está fazendo a coisa certa.
5. Fundamentando	É possível estabelecer fundamentos com: Freire (1996), que trata da Ética universal e boniteza. Castells (1999), que refuta a ideia dos cartazes (Novo sistema de comunicação). Almeida (2019), para entender o racismo que atravessa a sociedade. Gaztambide-Fernandes (2019), com os conceitos de descolonização e solidariedade. Nietzsche (1998), que discute a questão da moral.
6. Conectando	Rosa Louise Parks (1913-2005) foi ativista dos direitos civis e dirigente da Associação Nacional pelo avanço do povo negro, em Montgomery, Alabama, EUA. Ficou conhecida por se recusar a se levantar em um ônibus, em Montgomery, para uma pessoa branca sentar-se, o que desencadeou um boicote ao transporte público da cidade. A relação que fizemos foi com o Pastor Martin Luther King e a luta pelos direitos civis. Madre Tereza de Calcutá (1910-1997) foi uma Missionária Católica na Índia, ganhadora do Prêmio Nobel da Paz, em 1979. Já com esta fizemos a relação com Mahatma Gandhi e a sua luta pela igualdade e liberdade na Índia.
7. Expressando	Rosa Parks e Madre Tereza são consideradas exemplos de integridade e engajamento político contra o racismo e desigualdades sociais, em seus respectivos contextos. Elas deixaram importantes contribuições na conquista dos direitos civis e sociais. Com ideais feministas, usaram como instrumento de luta suas palavras, que até hoje ecoam, como no caso dos cartazes objeto desta análise.

**Fonte:** Elaboração Própria (2021).

Não obstante, percebemos como podemos nos envolver com as diferentes causas sociais, como a análise de imagem pode se configurar em um elemento importante para a compressão de um determinado movimento e como as imagens podem traduzir pensamentos e valores. Contudo, não podemos saber o envolvimento de quem produziu aquele cartaz, objeto de nossa análise, mas nos debruçamos a entender o contexto começando pelo impacto que nos causou, em um primeiro olhar, como descreveremos a seguir.

### **Primeiras Impressões**

Esta etapa se refere à aproximação inicial com a imagem que será compreendida e analisada. É a operação mental mais simples de identificar os aspectos mais evidentes da imagem, sem, no entanto, estabelecer nexos com autores(as) ou contextos. No caso da figura 1, a imagem apresenta dois cartazes, formando um mural. Há uma pergunta acima dos cartazes manuscrita e colada na parede. Parece-nos que o mural fica do lado de fora da sala, o que possibilitaria que mais pessoas/estudantes pudessem visualizá-la. Muito embora na primeira impressão não termos como nos envolver com a imagem, ela pode nos impactar logo que a visualizamos, levando-nos a perceber seus detalhes a partir do primeiro contato.

### **Descrição**

Para Macedo (2007), os murais são uma das formas mais usuais de comunicação dentro do espaço físico da escola. Eles refletem, em certa medida, a concepção e as escolhas pedagógicas de quem os produziu. Muitos desses murais contêm pensamentos, perguntas, informações, narrativas e imagens, como o caso que estamos analisando.

Destarte, os murais nos oferecem uma possibilidade de compreender o cotidiano da escola, para o desvendamento de aspectos relevantes das realidades escolares nas quais são produzidos. Eles mostram imagens produzidas e/ou selecionadas que são também criadas, tanto pelo que anunciam como pelo que sobre eles temos que falar.

No caso em estudo, os cartazes são em papel A4 com três frases em língua inglesa que, traduzidas para a língua portuguesa, dizem: “Como você sabe o que é

certo?” (título), “Cada pessoa deve viver sua vida como um modelo para os outros” (Rosa Parks) e “Nem todos nós podemos fazer grandes coisas. Mas, podemos fazer pequenas coisas com muito amor” (Madre Tereza de Calcutá).

A impressão que dá é que o “mural” é informal, uma vez que não possui as características e apetrechos de um mural tradicional (moldura de madeira, ornamentação, letras em EVA etc.). Além disso, ele está em uma parede, aparentemente próximo a uma janela, a partir da qual podemos inferir que é um corredor onde há circulação de pessoas.

Esse olhar de um mural informal, mas colocado estrategicamente para a visualização de um maior número de pessoas, fez-nos refletir sobre qual é a função da escola. Entendemos que o papel de uma instituição escolar não é simplesmente repassar conteúdos técnicos e científicos, mas também desenvolver pensamento reflexivo que possibilite a vivência dos(as) estudantes com sua cultura. Para Oliveira (2007, p. 156),

[...] a partir do século XIX, o conceito de cultura passou a significar tudo aquilo que o homem produz nas relações com outros homens, ou seja, a linguagem, símbolos, comportamentos, atitudes, valores, crenças, obras de arte e obras do pensamento. Enfim, tudo aquilo que, a partir da existência humana, tem um significado.

Desta maneira, entendemos que colocar cartazes, mesmo que de maneira informal, com frases tão impactantes, fazem com que a escola, de alguma maneira, cumpra seu papel e insira os(as) estudantes no debate de elementos que pertencem à sua prática cultural. Assim, é significativo mencionar que a escola onde esse mural foi organizado, em sua grande maioria, é composta por filhos(as) de imigrantes nos Estados Unidos que sofreram, de alguma maneira, discriminação racial por serem negros(as) em um país reconhecidamente racista.

### **Análise**

O racismo, tanto como ideologia como enquanto prática, está presente nos espaços escolares, muitas vezes, representado nas falas, gestos e imagens, permeando discursos e práticas que naturalizam injustiças sociais. Segundo Tuono e Vaz (2017, p.

206), o racismo é fruto da falta de empatia e conhecimento, por isso, “é fundamental que o professor trabalhe em sala de aula a consciência moral, ética e estética” para possibilitar ao estudante o agir de forma coerente consigo mesmo(a) e com os(as) outros(as).

Nesta escola, cuja imagem estamos analisando, como já falamos anteriormente, a maioria dos estudantes são filhos(as) de imigrantes, o que nos sugere que já passaram por algum tipo de segregação e nos ajudam a compreender o porquê do mural. O título apresenta um aspecto moral que envolve atitudes contra o racismo atravessado pelo feminismo e interseccionalidade. A pergunta “Como você sabe o que é certo?” traz uma reflexão e um apelo à moral cristã. Segundo Rosa Parks, para fazer a coisa certa, cada pessoa precisa ser um modelo para os outros, assim como foi Jesus Cristo. Madre Tereza nos convoca para o Amor. Para ela, nem todos(as) podem fazer grandes coisas, mas podemos fazer pequenas coisas com muito amor, pois, assim, estaremos fazendo a coisa certa, exemplo de amor que também foi dado por Jesus.

Para uma abordagem mais específica sobre a moral cristã, apresentamos alguns aspectos do Sermão do Monte, conforme o livro do evangelista Mateus, nos capítulos 5 a 7 (Bíblia, 2015). Este sermão trata de um discurso sobre a conduta moral, proferido por Jesus Cristo a uma multidão reunida aos pés de um monte. Na sua fala, Jesus apresenta alguns princípios como humildade, justiça, misericórdia e amor ao próximo que visam orientar a vida de seus(as) discípulos(as) em busca do Reino de Deus. Pode-se perceber que esta moral é seguida por livre escolha, para as pessoas que buscam o reino celeste, por meio de suas condutas perante o próximo e em relação a Deus. Segundo Sousa (2012, p. 4), quando se lê, a ética presente no Sermão do Monte, constata-se

[...] o fato de que os mandamentos ali presentes visam à busca de um reino celeste, mas também busca a relação entre os semelhantes. Enquanto, isso, em relação ao Estado soberano, absolutista, nota-se que este observa cada ação em cada momento da vida da pessoa, mesmo quando ela se encontra reclusa em seu lar e isolada do mundo.

A moral cristã pressupõe a relação entre o ser humano e seus semelhantes, primando por valores como bondade, pureza e justiça social que irão estabelecer o bem-estar aqui na Terra, como também garantir uma vida futura nos céus. Aliás, não é só o cristianismo a religião que prega a justiça social como princípio. O hinduísmo, por meio de Mahatma Gandhi, também advoga contra todas as formas de injustiça. Em seu diálogo inter-religioso com o cristianismo, Gandhi apresenta um caminho ecumênico de compaixão e dignidade, não aceitando tipo algum de dominação ou exploração do ser humano.

### **Consciência Crítica**

Há nos cartazes um significado histórico, político e cultural. No cartaz à esquerda, Rosa Parks está dentro de um ônibus, o que nos remete ao caso do Ônibus em Montgomery, onde, no dia 1º de dezembro de 1955, ela se negou a ceder a um branco o seu assento. O ato foi um marco no movimento antirracista nos Estados Unidos. Portanto, a frase convoca cada pessoa ao engajamento político, além disso, indica que devemos dar o exemplo, respeitando as diferenças.

Com este gesto, Rosa Parks desencadeou a participação mais intensa de diversos segmentos sociais, do próprio movimento negro e de agentes públicos que, até então, tinham mantido uma postura “neutra”, diante do racismo e das injustiças sociais. Por isso, este fato histórico foi muito importante no processo de “denúncia das situações de racismo, preconceito e discriminação étnico-racial vivenciada pela população negra no âmbito da vida privada” (Eurico, 2018, p. 518).

A frase de Madre Tereza indica que cada pessoa precisa fazer sua parte para combater as desigualdades sociais, pois, a partir da caridade, e ao tratar todos(as) com amor, você está fazendo a coisa certa. Assim, a referida mensagem é culturalmente aceita.

A sociedade atual vive a contradição da competitividade e da individualidade em um mundo globalizado que cada vez mais disponibiliza ferramentas para aproximar as pessoas (Carloto & Costa, 2019). Diante deste cenário, é papel da escola aproximar as pessoas, contribuir para a formação moral dos(as) estudantes e combater todas as

formas de injustiças sociais. A escola é o lugar da solidariedade e da desconstrução de atitudes racistas e sexistas, como defende Gaztambide-Fernández (2019).

### **Fundamentação**

A proposta desta seção é olhar com outras lentes, diferentes da nossa, o conteúdo das imagens. Para tanto, a análise se fundamentará na perspectiva de Freire (1996), Castells (1999), Nietzsche (1998), Almeida (2019) e Gaztambide-Fernández (2019), respectivamente.

Para Freire, é necessária uma ética universal onde, todos(as) somos responsáveis por todos(as), assim como Madre Tereza que nos conduz ao amor para entender o que é certo, Freire (1996) nos leva à reflexão a partir do conceito de boniteza. Por isso, a partir da concepção de que há a boniteza de ensinar e de aprender, coloca-nos em um movimento de troca com o(a) educando(a), entendendo que esse ensino não pode ser apenas transmissão de conteúdo, mas uma produção de sentidos. Ainda de acordo com Freire (1996, p. 12)

Se, na experiência de minha formação, que deve ser permanente, começo por aceitar que o formador é o sujeito em relação a quem me considero o objeto, que ele é o sujeito que me forma e eu, o objeto por ele formado, me considero como o paciente que recebe os conhecimentos-conteúdos-acumulados pelo sujeito que sabe e que são a mim transferidos. Nesta forma de compreender e de viver o processo formador, eu, objeto agora, terei a possibilidade, amanhã, de me tornar o falso sujeito da “formação” do futuro objeto do meu ato formador. É preciso que, pelo contrário, desde os começos do processo, vá ficando cada vez mais claro que, embora diferentes entre si, quem forma se forma e re-forma ao for-mar e quem é formado forma-se e forma ao ser formado.

Contudo, Freire nos alerta que não há docência sem discência e os(as) estudantes, ao serem expostos a discussões e debates fora da sala de aula, têm suas percepções ampliadas, recebendo contribuição significativa para a formação de um sujeito participante e engajado nos assuntos inerentes ao seu contexto e à sociedade em que está inserido. Não obstante, como Rosa Parks nos mostrou com seu exemplo no caso do ônibus em Montgomery, descrito anteriormente, quando cada um faz a sua parte, torna-se possível encontrar a boniteza do que “é certo”.

Para Castells (1999), a tecnologia mudou o mundo e as formas de comunicação, sendo que as transformações sociais podem se dar a partir do “bom” uso das tecnologias. Assim, essa forma de comunicação que encontramos no mural de uma escola nos EUA com a frase “você sabe o que é certo?”, seria refutada por Castells por ele entender que com a revolução tecnológica cada sociedade define sua forma de comunicação, mas que mais cedo ou mais tarde os indivíduos que vivem em rede deveriam aderir à comunicação também em rede, através das novas tecnologias.

Entretanto, embora não determine a tecnologia, a sociedade pode sufocar seu desenvolvimento principalmente por intermédio do Estado. Ou então, também principalmente pela intervenção estatal, a sociedade pode entrar num processo acelerado de modernização tecnológica capaz de mudar o destino das economias, do poder militar e do bem-estar social em poucos anos. Sem dúvida, a habilidade ou inabilidade de as sociedades dominarem a tecnologia e, em especial, aquelas tecnologias que são estrategicamente decisivas em cada período histórico, traça seu destino a ponto de podermos dizer que, embora não determine a evolução histórica e a transformação social, a tecnologia (ou sua falta) incorpora a capacidade de transformação das sociedades, bem como os usos que as sociedades, sempre em um processo conflituoso, decidem dar ao seu potencial tecnológico (Castells, 1999, p. 26).

No entanto, a comunicação naquela escola foi feita a partir do mural, e chama a atenção a frase logo acima dos cartazes, que se configura em uma questão moral. Segundo Nietzsche (1998), o cristianismo coloca os indivíduos em posição de inferioridade e de ressentimentos e, em nome dessa moral cristã, acham-se no direito de dizer aos outros o que é certo, como estava descrito na frase. As respostas no mural em questão nos levam a crer que realmente se trata de induzir os(as) estudantes a pensar sob o prisma da moral cristã, tendo em vista que Madre Tereza era missionária católica e Rosa Parks, em a sua luta contra o racismo, também nos remete a Jesus, quando nos diz, através dos evangelhos, que devemos dar o exemplo e só fazer com os outros(as) aquilo que gostaríamos que fizessem conosco.

No entanto, as frases que nos direcionam ao caminho "certo" indicam, como mencionado por Almeida (2019), que o racismo pode ser também institucional. Para esse autor, o racismo ultrapassa as questões individuais. Apesar de existirem atitudes

racistas individualmente, o racismo está arraigado em nossa estrutura como sociedade e, consequentemente, em nossas instituições.

Refletir sobre a instituição onde esses cartazes foram colocados é um alerta para o racismo latente, mas também contribui para a construção da identidade dos(as) estudantes. Assim como nossas crianças afrodescendentes no Brasil passam por esse processo de discriminação, nos EUA esse fato foi e ainda é mais grave, pois o racismo lá nunca foi velado e chegou a ser política de Estado.

Devido às diferentes formações sociais, ser negro ou "não branco" no Brasil, nos Estados Unidos, nos países da Europa, na África do Sul e em Angola são experiências vivenciadas de maneiras distintas. Isso se dá não apenas pelas óbvias diferenças políticas, econômicas e culturais, mas principalmente pelas diferenças no significado social de ser negro e ser branco, resultantes de múltiplos mecanismos político-jurídicos de racialização – cor da pele, nacionalidade, religião, "uma gota de sangue", etc. (Almeida, 2019, p. 51).

Por esse motivo, torna-se ainda mais importante a frase, a voz e o grito de Rosa Parks, para que esses(as) estudantes saibam que existiram pessoas importantes nessa luta e que vieram antes deles(as). Portanto, a imagem que escolhemos para analisar vai muito além de uma simples frase moralista, pois nos conduz a refletir sobre a descolonização.

Não obstante, Gaztambide-Fernández (2019) nos conduz a um pensar ético para essa descolonização. Desta maneira, poderíamos avaliar que as frases no mural podem conduzir àquelas pessoas que tiveram acesso à mensagem a pensar de forma descolonial ou produzir solidariedade entre eles, tendo em vista que suas histórias se encontram em meio aos desencontros.

Destarte, não temos como analisar se houve reflexão sobre aquele mural, se os(as) educadores(as) levaram os(as) estudantes a refletirem sobre quem foram Rosa Parks e Madre Tereza, se fizeram estudos históricos, filosóficos e sociológicos, ou se simplesmente colocaram os cartazes para indicar preceitos morais. Enfim, fizemos as conjecturas a partir de nossa percepção da imagem sob a ótica de alguns autores que

entendemos que contribuem para a nossa reflexão, mesmo que a história real tenha sido totalmente outra, a forma de contar e olhar será sempre um ponto de vista.

### **Conexões**

Rosa Louise Parks (1913-2005) foi ativista dos direitos civis e dirigente da Associação Nacional pelo avanço do povo negro, em Montgomery, Alabama, EUA. Seu nome está ligado ao do pastor Martin Luther King e à luta pelos direitos civis nos EUA, onde sofreu duríssimas perseguições por parte do Estado e de grupos de supremacia branca.

O acontecimento no ônibus, que deu visibilidade à atitude de Rosa Parks, não é um fato isolado na história, estando conectado a acontecimentos anteriores e posteriores. O racismo precisa ser compreendido à luz de sua relação com a desvalorização das pessoas negras no decorrer da história. A sociedade atual é racista e fortemente hierarquizada, na qual os(as) negros(as) usualmente ocupam as piores posições. Em 2019, o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (Brasil, 2019) publicou uma pesquisa cujos dados demonstram significativa desigualdade entre negros e brancos. Em alguns recortes apresentados, os(as) negros(as) são a maioria daqueles(as) que estão abaixo da linha da pobreza (32,9%) e encontram maiores dificuldades de ingressar no mercado de trabalho.

Outra conexão possível com o ato de Rosa Parks é o assassinato de George Floyd (2020), cidadão negro norte-americano que foi morto por asfixia, de modo injustificado por um policial branco. Fatos como este demonstram a existência de um conflito racial entre brancos(as) e negros(as), cujas razões são históricas e estão fortemente arraigadas a ideologias supremacistas brancas.

Rosa Parks deixou seu nome na história mundial por seu ativismo e engajamento político em benefício da causa negra. Em 1996 recebeu a medalha presidencial pela liberdade e, em 1999, a medalha de ouro do Congresso Americano. Faleceu em 2005, aos 92 anos, com muitas homenagens, tanto do governo quanto da população americana, demonstrando a importância de sua luta para aquele povo.

Madre Tereza (Agnes Gonxha Bojaxhiu, 1910-1997) nasceu na Macedônia, mas desenvolveu seus trabalhos de caridade em Calcutá, na Índia, onde foi Missionária

Católica. Por seu ativismo social conquistou o Prêmio Nobel da Paz em 1979. Faleceu em 5 de setembro de 1997. Assim como Mahatma Gandhi, lutou para combater as desigualdades sociais na sociedade de castas da Índia, deixando-nos um valioso legado de luta pelos direitos sociais. Até hoje ela é um exemplo, principalmente para os cristãos, por renunciar a tudo para viver de acordo com os ensinamentos de Jesus Cristo.

Tendo como base o trabalho de Gaztambide-Fernández (2019), entendemos o significado das frases de Rosa Parks e Madre Tereza para àquela escola, uma vez que, para o autor, a escola precisa desenvolver o senso de responsabilidade moral, cujas raízes estão presentes na maioria das religiões do mundo, ao atribuir grande importância aos desfavorecidos.

### **Expressões**

Rosa Parks e Madre Tereza são consideradas exemplos de integridade e engajamento político contra o racismo e as desigualdades sociais de sua época. Elas deixaram importantes contribuições na conquista dos direitos civis e sociais. Usaram como instrumento de luta suas palavras, que até hoje ecoam, como no caso dos cartazes objeto desta análise. Cabe a escola não somente discutir esses problemas, como também possibilitar alternativas para sua superação.

Por isso, é necessária à promoção de uma educação intercultural, que considere a bagagem que estes(as) sujeitos(as) já trazem quando ingressam na escola. A interculturalidade nos permite compreender e valorizar saberes e práticas de diferentes lugares e culturas. Para Candau (2016) a educação intercultural visa à construção de uma sociedade plural que respeita e empodera as diferenças. Freire nos ensinou que a prática docente precisa partir da experiência do(a) estudante, enquanto sujeito ativo do seu próprio aprendizado. Ao professor(a) compete ser o mediador(a) que o conduza à sua autonomia. Por isso, as estratégias de ensino precisam dialogar com as realidades dos(as) sujeitos(as). E, não se pode perder de vista, que o(a) professor(a) também aprende ao ensinar (Freire, 1996).

Diante do desafio de desenvolver uma educação intercultural, sugere-se realizar um aprendizado significativo a partir das vivências dos(as) estudantes; por meio da

escuta, valorizar a pluralidade de sujeitos(as), culturas e linguagens, ao invés de estranhá-las; compartilhar experiências exitosas que aproximem teoria e prática; criar estratégias interdisciplinares que possibilitem o diálogo dos diferentes saberes e investir na formação de formadores(as), inclusive, utilizando-se das Tecnologias Digitais da Informação e da Comunicação (TDICs).

Por isso, conjecturamos que a proposta dos cartazes era justamente essa: provocar uma reflexão para se (re)pensar o racismo e as desigualdades sociais, sobretudo em uma escola que é diretamente afetada por essas problemáticas.

### **Últimas Palavras**

Chegamos nestas últimas linhas com a certeza de que a imagem pode ainda ser muito mais analisada, tanto pela forma como pelo conteúdo, tendo em vista que tanto Rosa Parks, como Madre Tereza foram exemplos a serem seguidos, cada uma, à sua maneira, e que mesmo no silêncio podemos reivindicar dias melhores não só para nós, mas para toda comunidade em que estamos inseridos(as).

Os resultados demonstraram que é possível abstrair das imagens muito mais elementos do que elas apresentam em um primeiro olhar, e conectá-las a diferentes autores(as), épocas e contextos. A imagem que foi analisada nos permitiu uma relação mais próxima com a moral e provocou em nós um (re)pensar no que diz respeito ao combate às desigualdades sociais e ao racismo.

A forma de comunicação, por meio dos cartazes, mesmo não sendo a mais próxima da revolução tecnológica que estamos passando desde o final da década de 90 do século XX, foi uma forma dos(as) educadores(as) alertarem os(as) estudantes que eles(as) podem fazer a diferença quando percebem que todos(as) têm seu lugar na vida e que a boniteza está justamente em sermos solidários(as) e fazermos tudo com amor.

Enquanto educadores(as), refletimos muito sobre esta imagem e nos perguntamos: o que estamos fazendo para transformar a vida de alguém? Qual a boniteza de ser professor(a)? E como fazer uma educação para uma prática antirracista e descolonizada? Reflexões que deixaremos para trabalhos futuros, mas que levaremos conosco no percurso das nossas vidas.

## Referências

- Almeida, S. L. de. (2019). *Racismo Estrutural*. Coleção Feminismos plurais, Organizadora Djamila Ribeiro. Sueli Carneiro/Polen.
- Amorim, S. S., & Kress, T. (2020). *Critical Pedagogy analysis framework* (texto inédito).
- Bíblia Sagrada. (2015). Edição Pastoral (12ª Impressão). Paulus Editora.
- Brasil. (2019). Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. *PNAD Contínua*.
- Candau, V. (Org.). (2016). *Interculturalizar, descolonizar, democratizar: uma educação “outra”?* 7 Letras; GECEC.
- Carloto, D. R., & Costa, H. G. (2019, jul./dez.). Escola como espaço do acontecer solidário: reflexões sobre o lugar. *Revista Sapiência: Sociedade, Saberes e Práticas Educacionais*, 8(3), 30-47.
- Carrera, F. (2020). Racismo e Sexismo em bancos de imagens digitais: análise de resultados de busca e atribuição de relevância na dimensão financeira/profissional. In T. Silva (Org). *Comunidades, algoritmos e ativismos digitais: Olhares afrodiáspóricos*. LiteraRUA.
- Castells, M. (1999). Prólogo: a rede e o ser. In M. Castells. *A sociedade em rede* (Roneide Venâncio Majer, trad., volume I, pp. 21-47). Paz e Terra.
- Davis, A. (2016). *Mulheres, raça e classe* (Heci Regina Candiani, trad.). Boitempo.
- Eurico, M. C. (2018, set./dez.). A luta contra as explorações/opressões, o debate étnico-racial e o trabalho do assistente social. *Serviço Social e Sociedade*, 133, 515-529.
- Freire, P. (1996). *Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática da autonomia*. Editora Paz e Terra.
- Gaztambide-Fernández, R. A. (2019, out./dez.). Descolonização e a pedagogia da solidariedade. *Revista Teias*, 20(59), 8-38. <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/revistateias/article/view/47486/31582>.
- Macedo, R. C. M. de. (2007, jan./abr.). Imagens e narrativas nos/dos murais: dialogando com os sujeitos da escola. *Educação e Sociedade*, 28(98), 111-128. <http://www.cedes.unicamp.br>.
- Nietzsche, F. (1998). *Humano, Demasiado Humano*. Um livro para espíritos livres (Paulo César de Souza, trad.). Cia. das Letras.
- Oliveira, L. F. (2007). *Sociologia para jovens do século XXI*. Imperial Novo Milênio.
- Sousa, U. R. (2012, nov.). *Sermão do Monte: o mais excelente código de ética*. Trabalho realizado referente ao Seminário Teológico do Betel Brasileiro e Ação Evangélica.

<http://umbelinars.blogspot.com/2012/11/sermao-do-monte-o-mais-excelente-codigo.html>.

Tuono, N. E. F., & Vaz, M. R. T. (2017, maio/ago.). O racismo no contexto escolar e a prática docente. *Debates em Educação*, 9(18).

Vicente, T. A. de S. (2000). Metodologia de análise das imagens. *Contracampo* (UFF), 4, 147-158.

Vieira, R. L. de O. P., & Amorim, S. S. (2021). Ensinar e influenciar: o Facebook e a função social do docente durante a pandemia da Covid-19. *Anais do 10º SIMEDUC*, Aracajú, Universidade Tiradentes, <https://eventos.set.edu.br/simeduc/article/view/14730>.

Recebido: 01/02/2024

Aceito: 02/06/2024

Publicado: 20/04/2025

NOTA:

Os autores foram responsáveis pela concepção do artigo, pela análise e interpretação dos dados, pela redação e revisão crítica do conteúdo do manuscrito e, ainda, pela aprovação da versão final publicada.